

VENCEDORES DO PRÊMIO FNLIJ 2015 | PRODUÇÃO 2014



Marinha Colasanti no 17º Salão FNLIJ. Ao lado, a ilustração de sua autoria para o livro *Como uma carta de amor*.



A 41ª Seleção Anual do Prêmio FNLIJ teve seu resultado comunicado no dia 9 de maio, no site da FNLIJ, premiando as publicações editadas no ano de 2014, divididas em 18 categorias. Para esta edição, a FNLIJ recebeu 1.047 títulos que também foram enviados para a residência dos seus 25 leitores votantes, graças à colaboração das editoras que participaram da seleção. Durante o processo seletivo, que é realizado de maneira voluntária por especialistas escolhidos pela FNLIJ, as obras são analisadas pelo conteúdo textual, ilustrações e qualidade editorial. Parte do acervo recebido pelos votantes é doado, após a análise, para bibliotecas, espaços de leituras de instituições públicas e/ou privadas, e também permanecem nos departamentos das universidades onde muitos votantes lecionam, sendo utilizados por seus alunos. As doações são divulgadas pelo *Notícias FNLIJ* durante o ano.

Os destaques da edição de 2015 do Prêmio FNLIJ vão para Marina Colasanti, vencedora da premiação no ano passado, na categoria Criança Hors-Concours e do Prêmio Jabuti, também em 2014, como Livro do Ano, que este ano ganhou a premiação na categoria *Jovem Hors-Concours*, com o título *Como uma carta de amor*, da Global e para o livro *Stefano*, também da Global, que nos traz a ganhadora do Hans Christian Andersen de 2012, Maria Teresa Andruetto, da Argentina, traduzida por Marina Colasanti e é o vencedor da categoria Tradução/Adaptação Jovem. Outro destaque foi a presença de ilustradores brasileiros em traduções de autores estrangeiros, que costumam manter os artistas originais de suas edições. Foi o caso das premiações Literatura em Língua Portuguesa para *A menina do mar*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, ilustrado por Veridiana Scarpelli, da CosacNaify;

PÁGINA 7
20º Concurso
FNLIJ Os Melhores
Programas de
Incentivo à Leitura

PÁGINA 8
14º Concurso Leia
Comigo

PÁGINA 10
12º Concurso FNLIJ
Curumim e 12º
Concurso FNLIJ/
INBRAPI Tamoios

Tradução/Adaptação para Criança 4 *Contos*, de E. E. Cummings, traduzido por Claudio Alves Marcondes e organizado por George James Firmage, ilustrado por Guazelli, da CosacNaify e Tradução/Adaptação Reconto *Por que o Mar é salgado: contos populares da Noruega*, de Asbjornsen&Moe, tradução de Kristin Lie Garrudo e ilustração de Cárcamo, da Berlendis & Vertecchia.

O Prêmio Especial da FNLIJ, que não está presente em todas as edições da premiação, passou a se chamar Prêmio FNLIJ Bartolomeu Campos de Queirós e foi concedido este ano para *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, com ilustrações de Jean Gabriel e J. U. Campos, da editora Globo, por sua bela edição.

Ao lado, os títulos vencedores das 18 categorias, acompanhado de uma justificativa. Para ler a brochura que contém todas as justificativas dos leitores votantes, acesse www.fnlij.org.br.

O GRUPO DE VOTANTES DESTA EDIÇÃO

O grupo de votantes é formado por professores, bibliotecários e especialistas. Os membros desta edição, divididos por ordem alfabética das cidades.

Brasília – DF | Cristiane de Salles Moreira dos Santos

Espírito Santo – ES | Maria Neila Geaquinto

Goiás – GO | Maria Das Graças M. Castro

Maranhão – MA | Maria Tereza Bom-Fim Pereira e Rosa Maria Ferreira Lima

Minas Gerais – MG | Fabíola Ribeiro Farias e Gpell/Ceale (Grupo de Pesquisa Lij) –

Responsável: Carlos Augusto Novais

Pará – PA | Luiz Percival Leme Britto

Paraíba – PB | Neide Medeiros Santos

Paraná – PR | Alice Áurea Penteadó Martha

Rio de Janeiro – RJ | Celina Dutra da Fonseca Rondon, Elizabeth Serra, Iraídes Maria Pereira Coelho, Laura Sandroni, Leonor Werneck dos Santos, Maria Teresa Gonçalves Pereira e Marisa Borba

Rio Grande do Sul – RS | Vera Teixeira de Aguiar e Regina Zilberman

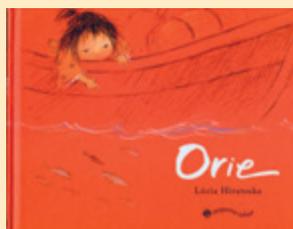
Santa Catarina – SC | Eliane Debus, Sueli de Souza Cagneti e Biblioteca Barca dos Livros – Responsável: Tânia Piacentini

São Paulo – SP | Gláucia Maria Mollo, Isis Valéria Gomes e João Luis Cardoso Tápías Ceccantini

PRÊMIO FNLIJ OFÉLIA PONTES O Melhor Livro para a Criança

Orie

Lúcia Hiratsuka, Pequena Zahar



A história de Orie, escrita e ilustrada por Lúcia Hiratsuka, se passa no Japão no tempo em que os barqueiros saíam do campo e percorriam os rios com suas mercadorias para vender nas cidades. E a viagem de barco era marcada por surpresas e alegrias, principalmente para uma

menininha que estava descobrindo o mundo.

Neste livro, o barco tem grande força simbólica, é uma espécie de “ninho aconchegante” de que nos fala Gaston Bachelard, e isso está explícito no próprio texto: “o barco parecia um ninho. Pai, mãe, Orie que nem passarinho”.

O tempo passa, Orie se trona uma mocinha, uma nova vida a espera. A jovem viaja para um país distante e guardou para sempre aquelas imagens da infância.

Traços delicados, colorido parcimonioso, linguagem poética, tudo nesse livro leva o leitor para um mundo que não mais existe, mas que permanece vivo e real na memória afetiva de Orie.

NEIDE MEDEIROS SANTOS

PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA O Melhor Livro para Jovens HORS-CONCOURS

Como uma carta de amor

Marina Colasanti, Global



A Fantasia e o Humano nos Contos de Marina...

Narrativas sempre curtas, simbólicas. A palavra é leve e tecem fios delicados que constroem tramas oníricas em um tempo espaço indefinido do ontem, do hoje ou do agora. E o leitor se perde e se acha no inusitado das treze histórias de Como uma Carta de Amor.

É no primeiro conto do livro que descobrimos a magia da espera e o trajeto da personagem até: “caminho que a levaria lá para aonde ela queria estar”...

“De Algum Ponto Além da Cordilheira”, perdemos o fôlego ao descobrir como os bárbaros e as barbáries destroem os nossos espaços de harmonia, com seus dentes de ferro. “Hora de Comer”; “O Seixo debaixo da Língua” e ao longo da leitura de todos os contos encontramos emoção, surpresa, beleza literária nos escritos de Marina Colasanti e percebemos como a cada publicação a autora aprimora o seu talento. ÍSIS VALÉRIA GOMES.

PRÊMIO FNLIJ ORÍGENES LESSA

O Melhor Livro para Jovens

Desequilibristas

Manu Maltez, Peirópolis



Manu Maltez é um artista múltiplo - músico, artista plástico e escritor - que entrelaça na sua produção literária elementos dessa multiplicidade. Em *Desequilibristas*, ele constrói uma narrativa em que as ilustrações pulsam e se insinuam de forma marcante, rasgando o branco da página com linhas curvas escuras sobre um texto explosivo. A personagem desequilibrista, desequilibrada tematizada

na narrativa é o skatista. A urbanidade asfáltica - intensificada pelos arranha-céus, carros, buzinação - é o cenário para encenação dessa personagem carregada de humanidade no sangue que escorre em suas veias, joelhos, na peleja das manobras. *Desequilibrista* também é o leitor que ao virar das páginas se enlaça na reviravolta do parafuso. ELIANE DEBUS.

PRÊMIO FNLIJ LUÍS JARDIM

O Melhor Livro de Imagem

O galo e a raposa

Alexandre Camanho, SESI-SP



Alexandre Camanho, criador da fábula visual *O Galo e a Raposa*, estudou gravura e desenho com o artista plástico Evandro Jardim e também artes plásticas na Universidade de São Paulo.

A imagem de um galo, ocupando uma página inteira, detalhadamente elaborada, abre a narrativa. As marcas de seus pés no chão mostram seu caminhar, seu movimento em alguma direção. Cada virada de página sur-

preende o leitor, apresentando uma mudança ou continuação da cena - uma raposa percebe as pegadas e tenta alcançar o galo.

- Quem é o mais astuto? O galo de pena emplumada ou a raposa de gestos sorrateiros que quer devorar a ave?

Detalhes importantes como a expressão dos olhos, o movimento dos animais certificam as imagens como instrumento dessa narrativa visual.

Desenhos grandes que ocupam os espaços de páginas inteiras ou duplas despertam encantamento em leitores ou ouvintes de qualquer idade.

Com traços figurativos, explorando as potencialidades expressivas das linhas, das cores usadas e das formas e, principalmente, criando um bom ritmo visual, Alexandre Camanho dá voz e

visibilidade ao pensamento e imaginação do leitor.

De repente, uma espiga de milho explode de seu traço e majestosamente ocupa duas páginas... O galo se sentirá atraído por ela? Conseguirá a raposa, fazendo uso de disfarces, enganar o galo?

Observando, deduzindo, fazendo inferências, o leitor prosseguirá em sua aventura até o inesperado final.

Alexandre Camanho parte de uma ideia muito original e com muita sensibilidade e originalidade usa elementos visuais atraentes e instigantes para auxiliar o leitor em sua tarefa de perceber/ler imagens.

Por estas razões, *O Galo e a Raposa*, de Alexandre Camanho, da SESI-SP editora, merece o Prêmio FNLIJ Luís Jardim - o Melhor Livro de Imagem de 2015, produção 2014. MARISA BORBA

PRÊMIO FNLIJ MALBA TAHAN

O Melhor Livro Informativo

Carmen: a Grande Pequena Notável

Heloisa Seixas e Julia Romeu Il. Graça Lima, Edições de Janeiro



Há informações que nos chegam como um presente! Este é o caso do livro informativo sobre a vida de Carmen Miranda. Num texto objetivo e leve, as autoras contam a vida dessa brasileira, nascida em Portugal, que levou a música, o estilo e alegria do país que adotou como seu, para a Broadway e depois para Hollywood.

As ilustrações que acompanham a obra dão a dimensão do exotismo e criatividade da brasileira que se tornou “a mulher mais bem paga do show business internacional” da época. Além disso, trechos de suas músicas se espalham pelas páginas, lembrando as letras que fizeram história no Brasil de então, acompanhadas pelas criações de Carmen, tanto no que vestia, como no que calçava ou em seus acessórios, que marcaram sua identidade única e inesquecível. SUELI DE SOUZA CAGNETI.

PRÊMIO FNLIJ ODYLO COSTA, FILHO

O Melhor Livro de Poesia

O bicho alfabeto

Poemas de Paulo Leminski. Apresentação Arnaldo Antunes Il. Ziraldo, Companhia das Letrinhas



O livro, com apresentação de Arnaldo Antunes, traz versos de Paulo Leminski sobre bichos, mar, noite, vento, água de coco, entre tantos outros, elementos conhecidos por todos, crianças ou adultos, mas que se tornam diferentes aos olhos dos leitores. Ora haicais - “a palmeira estremece/

palmas para ela/ que ela merece”. – ora quadras – “quem me dera/ que um mapa de tesouro/ que me leve a um velho baú/ cheio de mapas de tesouro”. -, ou outra forma poemática, os poemas brincam com sons e significados que intensificam as emoções dos leitores. Com projeto gráfico-editorial muito bem realizado, tem impressão do miolo em papel de qualidade, em páginas ora brancas, ora pretas ou amarelas, letra em tamanho e forma que favorecem a leitura. Na capa dura, a imagem do bicho alfabeto e o título, muito colorido, sintetizam o conteúdo do livro. As ilustrações de Ziraldo ocupam a superfície das folhas e estabelecem diálogo divertido com os versos. ALICE ÁUREA PENTEADO MARTHA.

PRÊMIO FNLIJ GIANNI RODARI O Melhor Livro Brinquedo

O livro com um buraco

Hervé Tullet. Trad. Emilio Fraia Il. Hervé Tullet, CosacNaify



O livro *com um buraco*, de Hervé Tullet, termina com uma frase que diz muito do convite feito pelo livro: “Com certeza você também terá outras ideias...” É disso que trata o livro-caderno-objeto-brinquedo desse autor francês que tem como marca a interatividade inteligente e lúdica com seus leitores. O buraco do título está materialmente presente e convoca

crianças de todas as idades a participarem do jogo proposto por Tullet: desenhos, gestos, sombras, coisas... Tudo pode ser um caminho para novas e inusitadas ideias. FABÍOLA RIBEIRO FARIAS.

PRÊMIO FNLIJ LUCIA BENEDETTI O Melhor Livro de Teatro

Mania de explicação: peça em seis atos, um prólogo e um epílogo

Adriana Falcão e Luiz Estellita Lins Il. Mariana Massarani, Salamandra



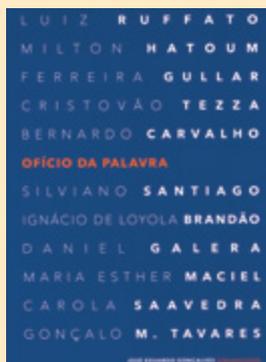
O premiado texto de Adriana Falcão, publicado em 2002, foi adaptado para o teatro pela autora, contando com a colaboração do filósofo e dramaturgo Luiz Estellita Lins. A peça, um musical, foi encenada pela primeira vez em 2014, sob a direção do renomado Gabriel Villela, e arrebatou vários prêmios na categoria teatro infantil, entre eles o da APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte. Esta edição da peça também foi ilustrada por Mariana Massarani,

artista colaboradora da obra original, mas conta com novas imagens, produzidas especialmente para esta adaptação, plenamente integradas à dicção lúdica e bem-humorada do texto verbal. A curiosidade da protagonista da peça, Isabel, em relação a tudo o que pensa, vê e ouve, e os sentidos e respostas originais que encontra para suas inquietações estão mais vivos do que nunca nesta criativa releitura do texto-matriz. JOÃO LUIS CARDOSO TÁPIAS CECCANTINI.

PRÊMIO FNLIJ CECÍLIA MEIRELES O Melhor Livro Teórico

Ofício da palavra

Organização José Eduardo Gonçalves, Autêntica



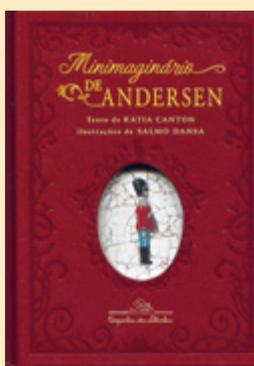
Uma coletânea que envolve o depoimento de autores de ficção mais reconhecidos, atualmente, na literatura brasileira, organizado pelo jornalista José Eduardo Gonçalves. A publicação é o resultado do projeto Ofício da Palavra, promovido pelo Instituto Cultural Flávio Gutierrez-ICFG, no Museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte, num encontro aberto e gratuito do autor com seu público. Os

autores falam de seus processos criativos, das suas influências, da criação literária. Do que realmente os move para escrever. São poetas, ensaístas, romancistas, contistas representativos de vários gêneros e estilos do que há de mais atual na literatura contemporânea brasileira. Certamente, esta contribuição irá incentivar a formação de novos escritores a partir da informação dos vários processos criativos. IRAÍDES MARIA PEREIRA COELHO.

PRÊMIO FNLIJ FIGUEIREDO PIMENTEL O Melhor Livro Reconto

Minimaginário de Andersen

Apresentação e adaptação Katia Canton Il. Salmo Dansa, Companhia das Letrinhas



Trata-se de uma seleção de sete dos mais famosos contos de Hans Christian Andersen, apresentada por Katia Canton. O texto verbal, em tradução cuidadosa, é adequado ao leitor, trazendo belas ilustrações e composição gráfico-editorial primorosa. A obra, que através de suas páginas oferece ao leitor o universo mágico dos contos de fadas, proporciona a ampliação de sua experiência cultural e imaginativa. VERA TEIXEIRA DE AGUIAR.

PRÊMIO FNLIJ HENRIQUETA LISBOA Literatura em Língua Portuguesa

A menina do mar

Sophia de Mello Breyner Andresen Il. Veridiana Scarpelli,
CosacNaify



Amizade e saudade são os grandes temas tratados na delicada narrativa *A Menina do Mar*, da escritora portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. O livro, com endereçamento principal a crianças, foi publicado pela primeira vez em 1958. A edição brasileira, da CosacNaify, foi ilustrada por Veridiana Scarpelli: desenhos em cores sóbrias com predomínio de nuances de azul, referência ao mar, e marrom, tão delicados quanto a nar-

rativa. A edição apresenta, ainda, como complemento de leitura, um glossário com expressões e palavras mais usadas em Portugal, notas editoriais e biográficas. A obra oferece ao leitor brasileiro infantil a possibilidade de contato com o português europeu escrito, o que pode, num primeiro momento, causar certo estranhamento ao pequeno leitor brasileiro em formação. Por outro lado, permite conhecer um pouco da literatura produzida por uma das escritoras portuguesas mais importantes do século XX. A amizade entre um menino que morava numa praia e a ficção *Menina do Mar* e seu círculo servem como pano de fundo para apresentação de um história cheia de delicadeza e poesia. GPELL – CARLOS AUGUSTO NOVAIS.

PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO Tradução/Adaptação Jovem

Stefano

Maria Teresa Andruetto. Trad. Marina Colasanti, Global



O texto é escrito de forma a prender a atenção do leitor página por página. Oferece, também, uma pequena amostra das dificuldades experimentadas por um imigrante durante a sua jornada.

A temática é extremamente pertinente ao universo juvenil, pois trata de questões como a iniciação da vida sexual, amor, relações familiares, tomadas de decisões, entre outros.

“Stefano” é uma obra de excelente qualidade para leitores de todas as idades... GLÁUCIA MARIA MOLLO.

PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO Tradução/Adaptação Informativo

Todo dia é Dia de Malala

Rosemary McCarney. Trad. Adriana de Oliveira Silva,
Melhoramentos



Malala uma menina de quinze anos, morava no Paquistão quando foi baleada por talibãs porque queria frequentar a escola. Depois de curada torna-se uma ativista dos direitos humanos, das meninas do mundo inteiro. Chamou a atenção

do mundo com sua coragem e sua luta pelo direito de todas as crianças à educação. É a pessoa mais jovem a ser indicada ao Premio Nobel da Paz. Com apenas 17 anos conquista o premio.

“Para meninas como eu, você é uma inspiração que nos dá força. E você é uma amiga.”

Este livro é uma carta para Malala ilustrada por belas fotografias da Plan Internacional de meninas de todo o mundo. Meninas de todos os lugares expressam solidariedade e admiração por Malala. A autora Rosemary McCarney, uma especialista e líder humanitária informa e divulga a luta de Malala.

Projeto gráfico e diagramação dão ênfase às lindas fotografias da Plan Internacional. CELINA DUTRA DA FONSECA RONDON.

PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO Tradução/Adaptação Criança

4 Contos

E. E. Cummings. Trad. Claudio Alves Marcondes. Org. George James Firmage Il. Guazelli, CosacNaify



Do genial E. E. Cummings, a editora CosacNaify brinda-nos estes quatro contos que ele escreveu para a filha e o neto. O assunto não podia ser outro: as coisas da vida de família – como o afeto, as pessoas e sua presença; mas a poesia aparece nesta busca de diálogo com o universo infantil que termina por propor um ambiente de mistério e fantasia em que surgem e agem um elfo, um elefante, um pássaro e, por fim, “Eu”, que gosta de brincar de mentirinha (“faz-de-conta”). A edição cuidadosa oferece ainda mais força ao texto já forte e intenso. LUIZ PERCIVAL LEMES BRITTO.

PRÊMIO FNLIJ MONTEIRO LOBATO Tradução/Adaptação Reconto

Por que o Mar é salgado: contos populares da Noruega

Asbjornsen&Moe. Trad. Kristin Lie Garrudo Il. Cárcamo, Berlendis & Vertecchia



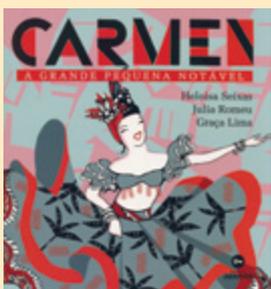
A Escandinávia, certamente tem um folclore rico, misterioso e como Jacob Grimm disse, são de fato maravilhosos. É um privilégio para os leitores brasileiros conhecer um pouco de cada cultura, especialmente dessa, que em geral, pouco se conhece. São contos criativos e envolventes, leituras fantásticas, sob o olhar de como eles vêem o mundo.

A impecável tradução de Kristin Lie Garrudo, com um texto claro e simples, transporta leitores de todas as idades para uma viagem mágica ao mundo maravilhoso dos contos norueguês. As belíssimas ilustrações de Carcamo, surpreendem pela riqueza de detalhes e capacidade de sedução que o livro apresenta. O conjunto da obra: texto, tradução, desenhos e projeto gráfico é repleto de possibilidades de leitura e imaginação. ROSA MARIA FERREIRA LIMA.

PRÊMIO FNLIJ GLÓRIA PONDÉ Melhor Projeto Editorial

Carmen: a Grande Pequena Notável

Heloisa Seixas e Julia Romeu Il. Graça Lima, Edições de Janeiro



Este livro se destaca em relação ao projeto gráfico-editorial por mostrar a história de Carmen Miranda de maneira criativa e colorida, porém sem usar tons tropicais nem cair no senso comum. A mudança dos tons de branco, cinza e preto para os tons coloridos ocorre gradualmente, montando uma cartela

de cores raras vezes atribuída à Carmen Miranda: em vez de amarelo, vermelho, laranja, vemos azul, cinza, preto, rosa; em vez de curvas sensuais, vemos ondulações inconstantes, sinuosas e brincalhonas, mostrando uma Carmen Miranda moleca, que jogava futebol quando criança, costurava quando jovem e cantava e encantava desde sempre.

Sem dúvida, este é um lindo livro, que, pelo projeto gráfico-editorial, demonstra que estamos diante de uma obra de valor inestimável para a leitura de crianças e adultos, seja para divulgar a obra da Pequena Notável, seja para divertir, numa viagem no tempo. LEONOR WERNECK DOS SANTOS

PRÊMIO FNLIJ A Melhor Ilustração

Os três ratos de Chantilly

Alexandre Camanho Il. Alexandre Camanho, Pulo do Gato



Os Três Ratos de Chantilly é uma adaptação livre do conto de tradição oral, anônimo, cujo título é: *Os três cegos de Compiègne*. Alexandre Camanho apresenta uma belíssima ilustração feita de forma delicada com o uso de bico de pena. Segundo o autor, a ideia de ilustrar essa usando esse tipo delicado e ilustração foi buscando “evocar o tempo do “era uam vez”, convidando o leitor para revisitar a época em que

as pessoas se reuniam diante da lareira crepitante para contar e recontar histórias. Esta obra mostra uma união perfeita entre palavra e imagem e com isto é o leitor quem revisita a sua infância, sensibilizando-o quanto ao valor da imaginação da criança e da capacidade inventiva. MARIA TEREZA BOM-FIM PEREIRA.

PRÊMIO FNLIJ ESPECIAL BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

Reinações de Narizinho

Monteiro Lobato Il. Jean Gabriel e J. U. Campos, Globo



O paulista José Bento Monteiro Lobato foi um dos intelectuais mais combativos que o Brasil já teve. Dinâmico, criativo, aberto a todas as mudanças sociais e políticas que ocorreram no seu tempo, Lobato voltou-se com entusiasmos para diferentes áreas de atuação e a elas dedicou-se de corpo e alma.

Em 1920 publica *A menina do Narizinho arrebitado*, sua primeira obra destinada às crianças. O sucesso

foi enorme e ele continuou a publicar para esse público, reunindo essas primeiras histórias, em 1925, sob o título *Reinações de Narizinho*. Já então havia fundado a editora Monteiro Lobato e Cia, em 1919.

Com esse livro, Lobato inaugura o que se convencionou chamar de fase literária de produção brasileira destinada a crianças e jovens.

Ele foi o primeiro a acreditar na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e capacidade de compreensão. Tinha um projeto definido: influir na formação de um Brasil melhor através das crianças.

A partir dele, a Literatura Infantil passa a ser fonte de reflexão, questionamento e crítica. Essa nova edição é caprichada: capa dura e ilustrações originais em azul do mesmo tom da capa. LAURA SANDRONI.

RESULTADO DOS CONCURSOS FNLIJ

20º CONCURSO FNLIJ OS MELHORES PROGRAMAS DE INCENTIVO À LEITURA | 14º CONCURSO LEIA COMIGO | 12º CONCURSO FNLIJ CURUMIM | 12º CONCURSO FNLIJ/INBRAPI TAMOIOS DE TEXTOS DE ESCRITORES INDÍGENAS



Valeska Cabral, Clara Etienne de Souza, Isis Valéria, Carolina Teixeira Barros, Marisa Borba, Leila Cristina Barros e Luana Pinho

Os vencedores do 20º Concurso FNLIJ Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura são:

1º lugar – Kit de literatura | Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte: Uma política de democratização da leitura literária, de Belo Horizonte, Minas Gerais. Desde 2003 a Prefeitura de Belo Horizonte distribui obras literárias para estudantes da rede municipal. No início de cada ano os alunos receberam um kit com dois livros de literatura. Em 2009 foram entregues cinco títulos para todas as crianças de 0 a 3 anos e 10 títulos para cada estudante dos demais níveis. Atualmente existem seis versões diferentes dos kits, para que atendam da Educação Infantil à Educação de Jovens e Adultos.

A partir de 2010 a SMED passou a produzir catálogos com resenhas das obras para apresentá-las à comunidade escolar.

A seleção das obras é feita por uma comissão constituída de profissionais da SMED e consultores especialistas e professoras da UFMG.

Cada editora pode inscrever até 10 títulos para a compra de livros pela SMED para a formação do kit, que beneficia anualmente 220.000 alunos.

Destaque-se a importância das bibliotecas públicas na política de democratização da leitura literária que contam com verba própria, garantida pela Lei Orgânica desde 2003.

Para avaliação e seleção dos livros de literatura, a SMED toma como referência os critérios estético-literários de PNBE.

Algumas ações são realizadas nas escolas para valorizar os acervos, como por exemplo:

Troca de livros entre alunos; rodas de leitura; contação de histórias; encontro com escritores; produção de peças de teatro e curta-metragens e, finalmente, a leitura livre, que além de ser feita na escola é levada também para a família - um investimento na formação de adultos leitores.

Em 2014 e 2015 foram realizadas oficinas para formação de mediadores de leitura, logo que esta necessidade foi sentida.

O prazo de duração é indeterminado.

Finalizando, é uma política pública de leitura bem implementada, com ações bem fundamentadas da SMED de Belo Horizonte e por essas razões merecedora do 20º Concurso FNLIJ 2015- Os melhores programas de incentivo à leitura junto a crianças e jovens de todo o Brasil.

2º lugar – Quem gosta de ler é Super! | Biblioteca Jorge de Lima - Colégio Santa Úrsula, de Maceió, Alagoas.

A bibliotecária Jaqueline Maria da Silva Verçosa é a responsável pelo projeto *Quem gosta de ler é super!* da biblioteca escolar Jorge de Lima, do Colégio particular Santa

O resultado dos Concursos FNLIJ de 2015 já foi divulgado no site da instituição. O Concurso FNLIJ – Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura completa 20 anos em 2015 e ganhou um dia especial no 17º Seminário Bartolomeu Campos de Queirós do Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, com o professor Luiz Percival de Britto, da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA e votante FNLIJ, Vanessa Camasmie, do Colégio Pedro II/Universidade Federal do Rio de Janeiro e Elizabeth Serra, da FNLIJ apresentando análise dos vencedores de todas as edições. A ação pioneira, que premia os melhores programas brasileiros, terá uma edição especial do Notícias FNLIJ, relatando a análise dos 80 projetos premiados, vindos de todas as regiões do país. O júri do concurso FNLIJ é composto por Elizabeth Serra, Laura Sandroni, Maria Beatriz Serra, Marisa Borba, Ninfa Parreiras e Vanessa Camasmie, responsáveis também pelas resenhas abaixo apresentadas de cada projeto e livros vencedores.

Úrsula, da cidade de Maceió, no estado de Alagoas. Importante ressaltar o envolvimento da coordenadora pedagógica, dos professores e da direção do colégio. Diferentes projetos são desenvolvidos durante todo o ano letivo, buscando dinamizar e promover o acesso ao livro de literatura.

O atendimento abrange a todos os alunos da escola, do Ensino Fundamental I e II (2º ao 8º ano) - cerca de 1080 alunos. Há inclusive um incentivo à formação de acervos próprios. O projeto acontece desde 2005, com atividades específicas para cada turma.

Um destaque do programa é a organização da biblioteca como uma estratégia para o seu sucesso. Os trabalhos internos como a circulação de periódicos, o tratamento técnico para fácil recuperação da informação, como por exemplo, a catalogação, a sugestão de leituras (pelo mural colocado na sala dos professores), o registro dos usuários no sistema - tudo isto faz parte do planejamento do programa de leitura.

O programa apresenta ótimas estratégias, com culminâncias simples, interessantes e somente ligadas à leitura literária.

O acervo é muito bom (em qualidade e quantidade)! As fichas de leitura variam, assim como variam também os livros usados nos diferentes projetos.

As atividades são realizadas em vários espaços: auditório, biblioteca, pátio interno e externo, salas de aula e refeitório. Palestras são promovidas com o intuito de se envolver as famílias com a questão da importância da leitura literária. Todas as atividades realizadas pela bibliotecária com as turmas são acompanhadas pelas professoras.

Na *Caminhada Poética* se exemplifica o uso de outros espaços da escola para onde se leva a arte literária: tesouraria, secretaria, sala de coordenação, sala de professores e refeitório.

O projeto se apropria da tecnologia para usar um site para sugestões de livros e a criação da *Árvore Poética*, com poemas significativos para as famílias.

É um trabalho muito bem integrado e planejado, totalmente voltado para a formação leitora de todos os envolvidos no processo educacional escolar.

3º lugar- *Bibliorodas – Expedições literárias* | Idealizadoras: Clara Etienne Lima de Souza e Edna Freitas, Distrito Federal.

Foi conferido ao Projeto *Bibliorodas Expedições Literárias* o terceiro lugar no 20º Concurso Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura, pois trata-se de uma iniciativa original voltada para a promoção da leitura literária em feiras livres. Com os livros dentro de carrinhos de feira, este Projeto promove regularmente circulações literárias (empréstimos) e eventos literários, como saraus, peças de teatro, contações de histórias e recitações de cordéis.

As responsáveis pelo projeto são Clara Etienne Lima de Souza, doutora em Teoria

Literária pela UNB e Edna Freitas, mestre em Literatura pela mesma instituição. Desde 2012, elas o desenvolvem, principalmente, no Distrito Federal. O projeto já atingiu 2.500 pessoas diretamente. Contudo, como ele foi multiplicado para mais quatro municípios do Sertão Central do Ceará (Quixadá, Quixeramobim, Banabuiú e Senador Pompeu), o projeto já atingiu indiretamente mais de 12.500 pessoas.

O princípio norteador do projeto é ir ao encontro de leitores em locais inusitados, onde o acesso aos livros não é possível. Como as feiras estão sempre de portas abertas e são reconhecidas por serem um local de trocas, o *Bibliorodas* propõe o empréstimo e a circulação de livros na rotina de feiras livres. O público é constituído, principalmente, pelos feirantes e seus filhos, que vão, de pouco em pouco, formando uma comunidade de leitores. O acervo tem cerca de 2.000 livros, apresenta qualidade literária e conta com a presença marcante da Literatura Infantil e Juvenil.

O Projeto promove ainda encontros de formação, por meio das oficinas de sensibilização de leitores. Nelas, há aulas de organização do acervo, técnicas de abordagem de leitores, organização do cardápio literário, guarda e conservação do acervo e registro das memórias por meio de um blog. Professores, mestres e doutores organizam e ministram tais encontros, chamados de Oficinas de Sensibilização de Leitores. Elas têm duração de 20h e incluem uma fundamentação teórica básica sobre as questões do livro, da leitura e da literatura. Os participantes são, em sua maioria, jovens e adolescentes que atuam como voluntários no projeto.

Menção Honrosa – *Histórias Andantes* | Associação Instituto Perú, de Jaboatão dos

Guararapes, Pernambuco.

O projeto *Histórias Andantes* é realizado pela Biblioteca Perú- um espaço de promoção da leitura literária, localizado no Instituto Perú, com o intuito de contribuir para a formação social e cultural das crianças e adolescentes do entorno desta instituição, localizada em Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana do Recife.

A biblioteca funciona de segunda à sexta, das 9h às 18h e conta com três mediadores de leitura e um acervo de mais de cinco mil títulos, selecionados criteriosamente. O empréstimo de livros é feito diariamente para toda a comunidade. Semanalmente são realizadas mediações de leitura para cerca de cem crianças e adolescentes, em quatro grupos. Mensalmente acontecem ações de incentivo à leitura em espaços públicos. São chamadas: Baú de Leituras e o Birô de Histórias. O *Baú de Histórias* é voltado para as escolas municipais e o *Birô de Histórias* é uma contação de histórias em locais como, por exemplo, praças, estacionamentos, paradas de ônibus ou quaisquer lugares onde haja grande circulação de pessoas.

Todo o trabalho surge de um planejamento e tem suas ações registradas e avaliadas pelos mediadores de leitura.

Por sua organização, ações de promoção de leitura, propósitos e qualidade do acervo o projeto *Histórias Andantes* é merecedor de Menção Honrosa, do 20º Concurso FNLIJ-2015-Os Melhores Programas de Incentivo à Leitura junto a Crianças e Jovens de todo o Brasil.

A premiação dessa edição para os projetos ganhadores foi de 500 livros para o primeiro colocado; 300 livros para o segundo e 150 livros para o terceiro colocado.

14º Concurso *Leia Comigo*

O concurso *Leia Comigo* é dirigido a todos que queiram relatar uma experiência com a leitura dirigida às crianças e adolescentes, sejam adultos, pais, professores e educadores. Desde 2002, a FNLIJ premia duas categorias no concurso - relato real e relato ficcional - cujo assunto principal seja a leitura compartilhada de adultos com crianças e/ou jovens, para incentivar nas famílias o interesse pela leitura.

O vencedor na categoria Relato Real é o texto *A aquela que leu para mim o primeiro livro*, de Mayra Coelho, de Curitiba - PR. O prêmio para Relato Ficcional foi para *Persona*, de José Antonio de Sousa Neto, do Belém do Pará - PA. Os textos vencedores estão reproduzidos nessa edição do Notícias.

No segundo ano da década de cinquenta minha família voltou a morar na casa de minha avó paterna, onde eu havia nascido. Era um tempo hostil, os sons da Grande Guerra ainda ecoavam na lembrança de todos, e as notícias chegavam por um velho rádio. Éramos pobres, e formávamos um grupo marcado por tragédias, mas eu ainda não sabia disso, tampouco podia imaginar o que me reservava o futuro.

Foi ali, quando eu começava a soletrar a aventura da *galinha pedrês* na cartilha, que toda a minha história de vida se definiu. Minha avó sentava-se na cadeira de balanço, colocava-me no seu colo e percorria aquelas poucas palavras da lição escolar com o dedo, enquanto esperava pelo meu esforço em juntar as letras, as sílabas, até dar sentido à minúscula parábola. Quando percebeu o meu encantamento em desvendar aqueles sinais gráficos, abriu uma portinhola do seu armário de guardados e tirou um livro de capa brilhante e colorida, era *Simbad o marujo*. Foi a primeira leitura que fez para mim. Escutei embevecida, e decidi que quando crescesse iria para o mar, fosse ele o que fosse, pois a maior água que eu havia visto até então era o alagado que se formava no quintal sempre que chovia. Depois, *As viagens de Gulliver*, e eu quis ser uma descobridora de novas terras e povos desconhecidos. Com meu progresso na escola, comecei a ler sozinha, *Os três mosqueiros*, *Viagem ao centro da terra*, *As aventuras de Robson Crusóé*, e nunca mais parei.

Enquanto isso, a realidade acontecia ao meu redor. Meu pai estava sempre ausente, em acampamentos distantes fazendo medições de terras, voltava para curtos períodos os quais passava mais no bar, embriagado, do que conosco. Cercava-me um permanente temor do que poderia acontecer quando ele voltasse, tarde da noite. Não eram raras as discussões, as agressões contra minha mãe, as ofensas que lhe dirigia. Para mim e meus dois irmãos, reservava um regime militar, sentávamos à mesa empertigados, obrigados a comer em silêncio, vivendo em constante sobressalto.

Nunca desvendei os seus mutismos; caminhava pelo quintal, as mãos às costas, murmurando consigo mesmo, distanciado de todos como se o nosso cotidiano não o interessasse. Porém, nas muitas vezes em que fui ao bar para chamá-lo, surpreendi um homem falante, rodeado de ouvintes atentos, para os quais ora explanava assuntos de política, de filosofia, outras vezes declamava poemas clássicos com desenvoltura de uma inteligência brilhante. Hoje penso nele como alguém que estava acima do mundo que lhe tinha sido destinado, e não conseguindo tornar-se dócil a esse arremedo de vida, embriagava-se para amortecer tanta dor.

Eu continuava lendo, cada vez mais e melhor, mas com frequência pedia à minha avó, *leia comigo*... Eu precisava daquele acolhimento, de sua voz, de seu colo, das suas mãos virando delicadamente as páginas, como a me garantir que de cada uma delas um universo diferente do meu se ofereceria para me salvar.

Quando completei oito anos, meu pai teve um episódio de delírio. Andava pela casa falando com suas visões, tremia e suave, sem aquietar-se. Lembro-me que fiquei com ele o tempo todo, segui-o pelos cômodos, assustada com a possibilidade de que a qualquer

momento ele fosse tragado por aqueles perseguidores invisíveis com quem se debatia em sua loucura. Quando cessou, procurei um livro para ler; dessa vez não chamei minha avó, refugie-me sob um grande cipreste que havia no canto da cerca de madeira e fiquei lá até as vozes daquela história falarem mais alto do que as dos meus medos.

Um ano depois, ele adoeceu. Não se queixava, mas eu sabia que estava sofrendo, e intuía que a dor maior lhe vinha da alma. Morreu no meio de uma manhã, no final do inverno. Vi minha mãe e minha avó ao seu lado, dilaceradas diante daquele homem que apesar de amarem profundamente não tinham conseguido salvar.

Eu já tinha lido e relido todos os livros que havia na casa, e não imaginava onde conseguir outros, até que descobri que as farmácias distribuíam almanaques, que passaram a ser minha leitura. Não tinham o mesmo encanto dos livros, mas foram necessários naqueles dias de silêncio e luto.

Eu crescia, o sofrimento da alma não interrompeu isso, frequentava a escola e senti-me cada vez mais órfã de afeto e atenção. Tive pneumonia e permaneci inconsciente durante vários dias. Quando voltei daquele estado nebuloso de febre, pedi água, bife e um livro. Era o que eu precisava para confirmar que ainda estava entre os vivos. Alguns meses depois, minha mãe anunciou que íamos morar em outra cidade, na região das Missões, onde viviam seus parentes. Aquela decisão me separava de minha avó e dos livros, que lhe pertenciam, e deixava para trás a parte mais preciosa da minha infância. Foi quando entendi de maneira clara o significado de perda.

Graças a uma bolsa de estudos do governo, fui mandada para um colégio interno. Resolvi a carência de livros me oferecendo para ser responsável pela acanhada biblioteca da escola. Também consegui que minhas colegas do externato trouxessem livros para mim. Eu os escondia sob o uniforme, da melhor maneira que pudesse, lia-os à noite no corredor entre os dormitórios, onde uma lâmpada ficava sempre acesa, sentada nos ladrilhos frios. Li tudo o que me chegou às mãos com a voracidade de um naufrago ao encontrar chão firme. Os livros condenados pelo rígido código moral da escola, eu os li aos doze, treze anos. Lembro que muitas vezes não entendia bem, mas vejo que tudo ficou em algum lugar da memória, e emergiu na hora e lugar certos. Li muitos dos clássicos antes de completar quinze anos, decorei poemas, para poder evocá-los quando o livro já não estivesse mais comigo, aprendi a fazer sopa lendo *Sem família*, de Hector Malot, e a história me ajudou a enfrentar com criatividade as minhas próprias privações.

Nunca viajei pelo mundo, nem descobri novas terras, e só fui conhecer o mar já adulta, minhas excursões foram nos embates do cotidiano, criando filhos, trabalhando, enfrentando uma viuvez precoce, e em cada momento lá estavam todas as páginas dos livros que li, ainda abertas, ainda me contando histórias sobre o mundo e as gentes, me convidando à mais uma maravilhosa aventura. Até que, já na maturidade, tornei-me escritora. E este relato é para aquela que leu comigo o primeiro livro, num dia perdido no tempo, mas vívido na minha memória.

“Le grand inconvénient de la vie réelle et qui la rend insupportable à l’homme supérieur”

Ernest Renan, in Marc-Aurèle

Nas tardes, depois do almoço, Policarpo encontrava a paz na biblioteca da cidade. Lugarzinho simples, mas sempre bem movimentado, com muitos jovens, imberbes, à caça de trabalhos para obterem notas em suas disciplinas escolares. Era bom vê-los manuseando os livros, ainda que não soubessem o sabor que tinham. Perguntassem-lhes da textura do papel, dos traços característicos dos personagens, do autor, da gramatura da folha, as respostas inexistentes. Mas havia uma esperança, e isso reconfortava...

Poderia, é bem verdade, emprestar os livros e lê-los em casa, mas nada pagava aquela tranquilidade, o aconchego e o odor dos papéis antigos nas estantes. O sol que entrava pela janela não chegava a incomodar. Outra coisa atrativa era que na biblioteca não havia ar condicionado. Deixava-se a janela aberta para a brisa calma presentear os leitores — e ainda que vez ou outra ela se atrevesse a folhear, antes da hora, a página, nada a fazia deixar de ser bem vinda. A clareza ajudava deveras... Ainda mais a ele, que precisava dela para ler com mais calma e entendimento. A luz passou a rarear em sua vista de uns tempos para cá. A idade chegava e tomava posse de seu corpo: inquietante e indesejada.

A aposentadoria trouxe-lhe o que mais sentia falta: tempo. Tempo para ler, para se dedicar aos personagens, para entender melhor das edições dos livros, coisa que sempre lhe chamou a atenção: capa, fontes, ilustrações, gramatura do papel, tipo de papel, orelhas, sumários, e tudo que formava o corpo vivo do livro, suas artérias, sua pele, seu sangue... Os livros são seres vivos... para quem tem sensibilidade de perceber. Ele tinha! Ah, e como! Quando lia, não o fazia somente em relação à história. A leitura era completa, começando pela textura da capa, tipo de letra

utilizado... até chegar aos personagens, suas histórias de vida, o enredo enfim, o que lhe dava mais prazer.

Chegava à biblioteca sempre no mesmo horário: quatorze horas. Ia caminhando pela rua de terra até chegar à de asfalto — ou o que os políticos pensavam ser asfalto — aproveitando-se das sombras dos ipês e jacarandás. Em sua alma o medo de um dia não ter mais o que ler na pequena biblioteca de alguns milhares de exemplares. A maioria deles de livros didáticos doados pela cooperativa de papel reciclado, que os recolhia na capital. Literatura mesmo, só quando o prefeito tentava disfarçar os seus desvios de verbas adquirindo exemplares novos para a biblioteca, muito aquém do propalado por ele, mas para Policarpo (avesso à roubalheira pública) o que interessavam eram os livros: romances, contos, poemas e crônicas. Ficção em mais alto grau. Histórias que o salvavam da mulher insensível, dos filhos e seus problemas, da nora no aperreio de cuidar do marido e dos filhos no quatinho de dois cômodos em que foram morar depois de serem despejados. Os problemas ficavam em casa, a anos-luz de distância dos livros: seus tesouros.

Pensou várias vezes em escrever suas próprias histórias. Criar seus mundos, ter o poder de manipular vidas, destinos, falas, pensamentos. Mesmo que fosse uma ilusão, pois toda literatura e mesmo o seu fazer é ilusão, nuvem, efemeridade, mesmo assim queria. E queria mais: poder viver suas histórias, ser um personagem vivo, posto que todos o são. Por isso passava horas sentado, até a clareza não ser suficiente, ou a mocinha da biblioteca avisar-lhe que precisava fechar o recinto — e dizia isso como que se desculpendo pela impaciência do namorado a olhar o relógio, em pé, no balcão. Os jovens e suas impaciências. Deixaria para outro dia o término de *Ulisses*, ou a continuação de *Seminário dos Ratos* ou ainda o início de *Chove nos campos de Cachoeira*. Até que era boa a interrupção, pois deixava uma réstia de ilusão para

12º Concurso FNLIJ/INBRAPI Tamoios de Textos de Escritores Indígenas

O concurso seleciona textos inéditos, em português, para crianças e/ou jovens, de autoria individual ou coletiva de indígenas adultos brasileiros residentes no Brasil, que tiverem sua filiação indígena apresentada.

1º Lugar | *Um Estranho Espardate nas Terras Karipuna*, Edson Machado de Brito (Edson Kaiapó) e Danusa Roberta Silva, Porto Seguro – BA/ São Paulo – SP

Narrativa ágil, ambientada em uma aldeia no norte do País, no século passado, com o povo Karipuna. Há um confronto entre os indígenas e o homem branco que lá aparece, numa paragem do rio Curipi. O estranhamento, de ambos os lados, é

trabalhado sem reforçar rótulos, nem maniqueísmos. O autor mostra as diferenças culturais e amplia o repertório do leitor, ao se deparar com particularidades de um povo indígena isolado na floresta. Aos poucos, os nativos são vistos com respeito pelo viajante. Por sua vez, os indígenas ajudam o viajante a se curar e a recuperar suas forças para retornar a casa.

Tudo se desenrola em um tempo tranquilo, com realce para o que há de genuíno nos povos indígenas: a valorização das refeições comunitárias, a vida coletiva, o tempo sem pressa. Não faltam cenas de amor, de aventura e de mistério, que aos poucos se desenrolam em uma linguagem

coloquial, com verossimilhança e descrições poéticas. Questões sociais e políticas são marcas de uma época de perseguição aos sindicatos e aos trabalhadores envolvidos em movimentos sociais. O valor do trabalho e da gratidão ganha relevo na história, quando todos se juntam num mutirão de uma obra para construir uma casa.

A solidariedade é mostrada sem moralismos, ela brota de dentro da vida nativa dos indígenas para fora, para os olhos de quem chega ali, seja para o forasteiro nomeado de Espardate, seja para os leitores. São descobertos os sabores dos alimentos, o respeito aos mais velhos, os

ele maturar em casa — e com isso se afastar mais um tempo dos problemas domésticos, da insensibilidade dos que o rodeavam.

A intensidade da leitura o fazia visualizar os personagens, como se estivesse diante deles. Conversava com eles quando estava sozinho. Achava por vezes estar ficando louco. Mas se fosse loucura ter diálogos sábios, poder conviver com *personas*, como os chamava — um interstício entre pessoas e personagens, era maravilhoso: discutir enredos, reelaborá-los, refazer falas, ainda que fosse muita audácia interferir nas histórias, o fazia com prazer. E muitos dos personagens concordavam com ele, se bem que nada pudessem fazer: eram um brinquedo nas mãos de seu autor.

Naquele dia, seguiu para a biblioteca como de costume. Antes de sair, despediu-se dos netos, deu um beijo na mulher (o que a espantou muito pelo descostume da atitude) e marchou impávido. Precisa começar uma nova leitura. Chegara remessa fresquinha e ele queria ser o primeiro a sorver o cheiro de livro novo, sempre bem vindo. A tarde estava tranqüila. Não havia sol e poder-se-ia dizer até que chuvas viriam. A brisa fria em plenas duas horas da tarde era refrescante.

Sentou-se e começou a leitura de um romance novo. Foi então que de repente um trovão e uma forte ventania tomaram conta do lugar. Coisa estranha, o temporal repentino, apesar do tempo diferente lá fora. A mocinha correu para fechar as janelas, mas um raio e um clarão adentraram o ambiente fazendo-o deixar cair o livro que segurava e desmaiar.

Acordou assustado. Policarpo estava em outro lugar. Não só em outro lugar, mas em outra época, com outras roupas e um incoomodativo *pince-nez*. Era agora um homem pequeno, magro, com olhar sempre baixo. Um cheiro característico de papel. Como não percebê-lo, se todo ele agora recendia a tinta e papel? Era, na verdade, todo ele feito de tais materiais. Deixara de ser o Policarpo que lia livros, que passava suas tardes na pequena biblioteca da cidadezinha, aposentado, com uma família difícil. Agora era outro Policarpo: o Quaresma, o personagem de Lima Barreto. Queria falar, mas sua fala não mais lhe pertencia, seus passos, sua vida. Tudo

estava programado para ele: deixara de ser pessoa, tornara-se uma persona, um personagem. Viu-se entrando em casa...

“Quando entrou em casa, naquele dia, foi a irmã quem lhe abriu a porta, perguntando:

— Janta já?

— Ainda não. Espere um pouco o Ricardo que vem jantar hoje conosco.

— Policarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição, respeitável, como você é, andar metido com esse sereserteiro, um quase capadócio – não é bonito!”

Sim, as falas, os trejeitos, o cavanhaque, o fraque preto. Era Policarpo Quaresma, e não tinha mais livre-arbítrio. Isso era terrível, tão terrível quanto a situação de Gregor Samsa ao descobrir-se inseto.

Foi então que percebeu um daqueles jovens que iam à biblioteca à procura de anotações, que tratavam os livros feito objetos e não seres vivos, olhá-lo. Mas Policarpo não podia se mexer, ou melhor dizendo, só se mexia conforme o andar da história. Tentou pedir ajuda, mas tão insensível era o rapazola, que jamais iria percebê-lo.

“O major entrou para um aposento próximo, enquanto sua irmã seguia em direitura ao interior da casa. Quaresma despiu-se, lavou-se, enfiou a roupa de casa, veio para a biblioteca, sentou-se a uma cadeira de balanço, descansando.” A dor maior, ainda que a não sentisse, era a certeza aterradora que, acabada a leitura do romance, acabaria sua triste história, seria seu triste fim. Repetindo-se eternamente ou até que outro viesse tomar-lhe o lugar.

Foi então que a mocinha, a tal bibliotecária por quem ele, Policarpo, não dava nada, começou a sugerir o livro *Triste Fim de Policarpo Quaresma* aos jovens que foram chegando para a realização de um trabalho escolar pedido pela professora. Policarpo teve sua esperança acesa. Não seria mais uma *persona*, voltaria para sua vidinha de leitor ávido. A leitura compartilhada pelos alunos o faria viver uma aventura além dos livros, além da vida: compartilhando emoções e experiências, como toda leitura deve ser...

cuidados com as crianças, a importância dos rituais e das brincadeiras, a cura pelas plantas. Um sem fim de tradições que podem ser conhecidas e reconhecidas como necessárias na vida contemporânea.

2º Lugar | *A Árvore dos Sonhos*, Olavo Batista da Silva, Brasília – DF

Esta narrativa traz encantamentos, transformações ambientais e subjetivas. Fala de diferentes gerações, de pessoas que se mudam de casa e de cidade, da exploração imobiliária. E traz à tona a discussão sobre a preservação do meio ambiente e sobre a manutenção das memórias dos lugares e das pessoas.

O relato reforça a necessidade dos registros históricos e do respeito às culturas primitivas. Sem sonhos, sem árvores não haveriam as histórias. E como viver

sem aquilo que alimenta a alma e fortalece as fantasias? Como viver sem o desejo? É nas entrelinhas de uma narrativa como esta que se pode repensar o papel do homem no mundo hoje: o que está sendo feito com as árvores? E as memórias das famílias? E a preservação das culturas, das aldeias, dos nichos? Como dar conta disso sem as narrativas? É preciso sim de árvores e sonhos, transformadas em histórias como *A Árvore dos Sonhos*.

3º Lugar | *A Princesa Maní*, Edson Dorneles de Andrade, Pirassununga – SP

Narrativa que remete à origem da Mandioca e também revela conflitos entre diferentes povos indígenas, a ação dos pajés e curandeiros, a força da mulher dentro de uma aldeia e também na vida social. As cenas são ora tensas, ora

cheias de aventuras. O olhar é deslocado juntamente com as mudanças das personagens e com as novidades que não cessam de chegar. O leitor sofre com a partida de Maní. Fica sem resposta e sem saber seu paradeiro. Logo, a literariedade deste texto que envolve o leitor e o deixa órfão da princesa encantadora que desaparece.

A história desencadeia a discussão de questões bem relevantes e atuais, que permeiam a vida urbana e rural: qual o papel da mulher na vida social? Por que a vida coletiva pode manter as culturais locais? Por que as histórias preservam as identidades culturais? Por trás disso tudo, uma lenda que explica a origem do alimento tão apreciado, tão brasileiro, que a sociedade deve aos indígenas receitas variadas e muitas formas de utilização: a mandioca.

12º Concurso FNLIJ Curumim - Leitura de Obras de Escritores Indígenas

O concurso é dirigido a adultos que trabalham com a promoção de obras literárias de autoria indígena, para incentivar a leitura e produção literária para crianças e jovens. A premiação dos concursos é um acervo de livros de literatura infantil e juvenil doado pela FNLIJ.

Prêmio | *O Que Vou Ser Quando Crescer*, Eliana Augusta Sexuque de Oliveira, Peabiru – PR

O trabalho partiu do conhecimento da obra *Karu Taru: o pequeno pajé*, de Daniel Munduruku, que havia chegado à Escola Darci Ribeiro e agradou à diretora e à professora responsável pela turma do 2º ano do Ensino Fundamental, Eliana Augusta Sexuque de Oliveira. Dividida pela professora em quatro partes, a obra foi apresentada de tal modo a manter o interesse e a curiosidade dos alunos pela leitura, com associações à vida deles. Talento, vida de criança, vida adulta, brincadeiras, o passeio com o pai no final de

semana foram alguns dos aspectos desenvolvidos com a leitura e a discussão da obra. Como a escola está próxima à área rural, as crianças contam com referências que facilitaram o mergulho no universo indígena. E quem não gosta de uma pescaria com o pai? Já pensou o sucesso que faz entre as crianças?

Tiveram ainda o momento de partilhar objetos indígenas, como o maracá, porungas, colorau e penas que levaram de casa para a escola, além de fazerem desenhos a partir das percepções que tiveram sobre os indígenas. As histórias ouvidas e as expressões desenhadas estiveram presentes na atividade que trabalhou a obra de Daniel Munduruku, desde a leitura compartilhada pela professora, aos comentários das crianças e às criações realizadas por elas. Certamente, experiências que trouxeram descobertas tão importantes sobre cada um dos alunos e sobre um pouco da vida dos nossos indígenas.

movimento por um Brasil literário
*m*Brasil*lit*

Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais



QUERO MINHA
BIBLIOTECA

Acesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – iBBY

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Ação Social Claretiana; Artes e Ofícios Editora Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; Berlendis Editores Ltda; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Callis Editora Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; CosacNaify Edições Ltda; Difusão Cultural do Livro Ltda; Doble Informática Ltda; DSOP Educação Financeira Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições Escala Educacional Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora Canguru; Editora Dedo de Prosa Ltda; Editora Dimensão Ltda; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora GHV Ltda; Editora Globo S/A; Editora Guanabara Koogan Ltda; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lafonte Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Mediação Distribuidora e Livraria; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Projeto Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rideel Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Elementar Public.e Edit. Ltda - ME; Florescer Livraria e Editora Ltda; Frase e Efeito e Editorial Ltda; Fund.Cult. Casa Lygia Bojunga; Geração Editorial Ltda; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Gráfica Editora Stamppa Ltda; Hedra Educação Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Livros Studio Nobel Ltda; Manati Produções Editoriais Ltda; Marcos Pereira; Martins Editora Livraria Ltda; Mazza Edições Ltda; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Pallas Editora e Distribuidora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; Publibook Livros Papeis S/A L&PM; Publicação Mercuryo Novo Tempo; RHJ Livros Ltda; Rovel Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Editora Saraiva; SDS Editora de Livros EIRELI; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Texto Editores Ltda – Leya; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda; WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; Jornalista: Cristina Bacelar; Projeto Gráfico e Diagramação: Estúdio Versalete; Impressão: PwC. **Gestão FNLIJ 2014-2017** Conselho Curador: Alfredo Gonçalves, Christine Castilho Fontelles, Celia Portella, Laura Sandroni, Leonardo Chianca e Wander Soares; Conselho Diretor: Isis Valéria (Presidente) e Marisa de Almeida Borba; Conselho Fiscal: Henrique Luz, Marcos da Veiga Pereira e Regina Lemos; Suplentes: Anna Maria Rennhack, Jorge Carneiro e Regina Bilac Pinto; Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Amir Piedade, Annete Baldi, Bernadete Boff, Bia Hetzel, Cristina Warth, Eduardo Portella, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José Alencar Mayrink, José Fernandes Ximenes, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Antunes Cunha, Mariana Zahar, Paulo Rocco e Sílvia Gandelman; Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio

